

**OS SENTIDOS DAS LEMBRANÇAS NA OBRA *O PARTIDO
COMUNISTA QUE EU CONHECI: 20 ANOS DE
CLANDESTINIDADE***

**THE SENSES OF MEMORIES IN THE BOOK *THE COMMUNIST
PARTY I HAVE KNOWN: 20 YEARS OF CLANDESTINITY***

**LOS MEDIOS DE RECORDATORIO EN EL TRABAJO *EL
PARTIDO COMUNISTA QUE CONOCÍ: 20 AÑOS DE
CLANDESTINIDAD***

Ede Ricardo de Assis Soares¹

Resumo

Neste artigo apresentaremos algumas reflexões acerca dos objetivos intelectuais do ex-dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB) João Falcão (1919-2011), a partir da escrita de *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Publicada no ano de 1988, a obra é a primeira de um conjunto de produções de natureza memorialística, biográfica e historiográfica. Em seu primeiro livro, João Falcão evidencia seu plano de consolidação como escritor, rememorando sua relação com o campo das letras durante sua militância no PCB. Demonstraremos como essas memórias relacionam-se com o contexto de escrita, fazendo parte dos objetivos do autor em ser reconhecido como um importante intelectual de sua geração.

Palavras-chave: João Falcão; Partido Comunista Brasileiro; Partido dos Trabalhadores; memória.

Abstract

In this article we will present some reflections on the intellectual objectives of former Brazilian Communist Party (PCB) leader João Falcão (1919-2011), from the writing of *The Communist Party I have known: 20 years of clandestinity*. Published in the year 1988, the work is the first of a series of productions of a memorialistic, biographical and historiographic nature. In his first book, João Falcão evidences his plan of consolidation as a writer, recalling his relationship with the field of letters during his militancy in PCB. We will demonstrate how these memories relate to the context of writing, being part of the author's goals in being recognized as an important intellectual of his generation.

Keywords: João Falcão; Brazilian Communist Party; Workers Party; memory.

Resumen

¹ Doutorando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia (PPGH/UFBA). Bolsista CNPq. O presente trabalho é o resultado parcial da pesquisa que está sendo desenvolvida com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

En este artículo presentaremos algunas reflexiones acerca de los objetivos intelectuales de ex dirigente del Partido Comunista (PCB) João Falcão (1919-2011), a partir de la escritura de *El Partido Comunista que he conocido: 20 años de clandestinidad*. Publicada en el año 1988, la obra es la primera de un conjunto de producciones de naturaleza memorialística, biográfica e historiográfica. En su primer libro, João Falcão evidencia su plan de consolidación como escritor, rememorando su relación con el campo de las letras durante su militancia en el PCB. Demostraremos cómo estas memorias se relacionan con el contexto de escritura, haciendo parte de los objetivos del autor en ser reconocidos como un importante intelectual de su generación.

Palavras clave: João Falcão; Partido Comunista Brasileño; Partido de los Trabajadores; memoria.

Introdução

Na “Nota do autor (à 1ª edição)” da obra *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*, o ex-dirigente do Partido Comunista Brasileiro, empresário e intelectual baiano João da Costa Falcão (1919-2011), apresenta o seu primeiro livro e justifica as razões de sua escrita. Segundo o autor, a leitura de autobiografias de ex-militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), seus ex-companheiros, como as de Heitor Ferreira Lima, Gregório Bezerra, Leôncio Basbaum, Agildo Barata, Paulo Cavalcanti, entre outras, mostraram-lhe “[...] que a cada um compete fazer a sua parte para a organização da Memória de um povo sem memória” (FALCÃO, 2000, p. 9).

O autor confessa, ainda nessa sessão, que não imaginava o volume de trabalho e o tempo que teria que empregar até a publicação. Falcão afirma que investiu três anos na escrita da obra (1984 a 1987) e que hesitou muito em fazê-lo, mas a leitura de diversas autobiografias de ex-militantes do Partido Comunista o convenceu de que esses autores tinham dado sua contribuição à “[...] organização da Memória de um povo sem memória” (Idem). Assim, diz Falcão, se o seu livro atingisse esse intento, ele estaria por satisfeito.

Apesar das intenções declaradas, apresentaremos algumas evidências de que a obra *O Partido Comunista que eu conheci* foi imbuída de objetivos mais amplos do que o ex-militante admite. Ao analisar o livro como fonte primária e como fonte secundária, identificamos alguns sentidos que João Falcão imprimiu ao seu trabalho e aqui analisaremos especificamente o sentido intelectual.

Antes de dissertar sobre os sentidos da rememoração na obra do intelectual baiano, cabe indicar algumas premissas que norteiam nossas análises. Entendemos que rememorar é um ato que se relaciona diretamente com as lembranças dos grupos e atores sociais que estão à nossa volta. Em outras palavras, lembrar é um ato coletivo.

Por outro lado, entendemos que o contexto social e político determinam quais memórias podem vir à superfície e quais memórias permanecem subterrâneas (POLLAK, 1989). Não por acaso, a década de 1980 era favorável à difusão de memórias sobre regimes autoritários, especialmente por conta da redemocratização em curso no Brasil, após duas décadas de ditadura militar.

A partir destes aspectos, consideramos que, além de tornar públicas as suas “memórias políticas”, João Falcão pretendia contribuir com a historiografia baiana, como fizeram outros renomados intelectuais de sua geração, como Luiz Viana Filho, Miguel Calmon e Nestor Duarte. Homens que se debruçaram sobre o passado da Bahia e do Brasil, e que gozavam de renome em todo o país.² Contribuição que tornaria públicas suas intenções intelectuais do presente.

Ao mesmo tempo, a narrativa desenvolvida por João Falcão apresenta sua destacada trajetória dentro do PCB, especialmente no campo intelectual, onde manteve estreitos contatos com intelectuais de diversas ordens, como: estudantes, professores, juristas, parlamentares, dirigentes políticos e escritores.

João Falcão conta ter se filiado ao PCB em 1938, no contexto de luta contra o Estado Novo, ascendendo rapidamente à direção do Comitê Regional da Bahia (CR-BA), especialmente por conta de sua atuação junto ao movimento estudantil e da criação e direção da revista *Seiva* (FALCÃO, 2000, p. 35). Com a redemocratização, funda e dirige o jornal *O Momento*, do PCB, liga-se diretamente à direção partidária, recebendo a atribuição de reorganizar o jornal *Tribuna Operária*. Com a cassação do partido em 1947, João Falcão também mergulha na clandestinidade, retorna à Bahia e candidata-se a deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Na última parte do livro, o autor relata sua visão do mundo socialista e a decepção ao saber dos crimes de Joseph Stálin, fazendo-o deixar o PCB e preencher o vazio com a criação do combativo *Jornal da Bahia* no ano de 1959. Com essa narrativa, João Falcão realçava as suas características de intelectual democrático.

Produzida com o auxílio de pesquisadores profissionais, como é o caso de Lúcia Sodré de Brito e do historiador Jorge Vicente Mamédio da Silva, a obra *O Partido Comunista que eu conheci* possui pretensões historiográficas, numa perspectiva de história-verdade. Por outro lado, a obra de algum modo foi um elogio ao PCB e aos velhos comunistas, diante das disputas políticas em curso na esquerda brasileira na

² Ver: SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2011. A obra de Paulo Santos Silva oferece um panorama amplo das relações entre intelectuais baianos e a resistência ao governo Vargas, especialmente quanto à escrita da história.

década de 1980, especialmente com a ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT). Soma-se a isso a crise política interna e ideológica que se abatia sobre o PCB e o socialismo em todo o mundo à época.

O intelectual militante

Na “Nota do autor”, João Falcão cita os nomes de 35 pessoas, entre dirigentes, militantes e ex-militantes. João Falcão confessa ter entrado em contato com todas essas pessoas e percebido a dificuldade em obter documentos de seus ex-companheiros. Situação resultante da perseguição da ditadura militar e da quase permanente clandestinidade do PCB. Ao mesmo tempo, o autor afirma ter sido dominado por um sentimento de culpa quando percebeu que já não restavam muitos de sua geração para testemunhar os eventos entre as décadas de 1930 e 1950. Além disso, João Falcão afirma que as mortes dos dirigentes Diógenes de Arruda Câmara, Giocondo Gerbasi Alves Dias, bem como de membros do Comitê Nacional e de quase todos os membros do Comitê Regional do Partido Comunista na Bahia fizeram crescer dentro dele o “[...] desejo de deixar um depoimento sobre minha juventude e minha passagem pelas fileiras do Partido Comunista, bem como sobre a minha geração, que lutou denodadamente contra o nazifascismo e pela redemocratização do Brasil” (HALBWACHS, 2013; POLLACK, 1989).

Apesar de ter deixado o PCB em 1957, Falcão permaneceu próximo aos seus ex-companheiros de partido e da luta política, principalmente após a criação do *Jornal da Bahia*, periódico fundado para ser a sua “trincheira” na luta política, onde contou com a parceria de seus velhos camaradas.

Os escritos de Falcão nos permitem algumas reflexões: em primeiro lugar, para a compreensão do discurso de contribuir para a organização da “[...] memória de um povo sem memória”, devemos incluí-lo num contexto de luta pela redemocratização que o Brasil atravessava na década de 1980. Momento onde se desenrolavam disputas políticas dentro das esquerdas e do movimento operário e sindical. Disputas onde o PCB estava perdendo terreno para o PT e os adeptos do “Novo sindicalismo”, apesar de sua tradição política e de sua proposta de resistência democrática à ditadura. Evocando suas memórias e de toda uma geração de velhos militantes, Falcão publica *O Partido Comunista que eu conheci* que, de algum modo, contribuía para defender o PCB naquele contexto, frente àquela “nova esquerda” emergente e à crise que se desenrolava no Partido e no Movimento Comunista Internacional.

Importa lembrar que durante os anos que antecederam o final da ditadura militar foi aberto um debate dentro do PCB sobre as concepções de “Democracia” do partido e a sua intervenção frente às greves operárias do ABC paulista. Segundo Dulce Pandolfi, durante este processo, dois grupos entraram em confronto: um grupo ligado à direção partidária e a Luiz Carlos Prestes (1898-1990), que buscava diferenciar a proposta democrática que o PCB defendia desde 1967, quando definiu que a luta contra a ditadura deveria partir da luta pela democracia e lutar pela efetivação da democracia operária; e o outro grupo, considerado “Renovador”, ligado ao jornal *Voz da Unidade*, que buscava defender a democracia como um valor histórico universal e tinha como principal expoente Carlos Nelson Coutinho (1943-2012). As posições do grupo “Renovador” acabaram afastando-os do jornal *Voz da Unidade*. No entanto, as diferentes concepções sobre “democracia” continuaram dividindo os pecebistas, até que, em 1983, diversos membros da corrente “Renovadora” abandonaram o partido e se filiaram ao PT. Em 1986, Carlos Nelson Coutinho (1943-2012) reconhece ter feito uma avaliação pouco crítica acerca do legado de Lênin sobre a democracia operária em seu artigo “Democracia como um valor universal”, mas três anos depois ingressa no PT, juntamente com Leandro Konder (1936-2014) (PANDOLFI, 1995, p. 217-218).

As memórias de Falcão têm um evidente enfoque nas características democráticas do PCB, especialmente quanto ao Comitê Regional da Bahia, que ele considera ter sido o grande responsável pela luta antifascista durante o Estado Novo, mas que foi derrotado pelos comunistas da Comissão Nacional de Organização Provisória, a CNOP, quando da reunificação do Partido Comunista, na Conferência da Mantiqueira, em 1943. Ainda na “Nota à 1ª edição”, Falcão afirma que “Limitou-se a contar histórias, sua intensa vivência no PCB, o que lhe dá certo orgulho, movido que foi exclusivamente pelos ideais de liberdade, democracia e felicidade para o povo brasileiro”. Vê-se que o autor se coloca no campo da defesa da democracia como valor universal, como o PCB o fizera com a consolidação do Golpe Civil-Militar de 1964 e durante a ditadura.

Na página seguinte, João Falcão reafirma os seus intentos democráticos ao ingressar no PCB, afirmando que: “O Partido Comunista não admitia entre os seus métodos de ação a violência pessoal, os assaltos nem os sequestros”. Aqui o autor define os métodos de ação do PCB, diferenciando-o dos agrupamentos que aderiram à luta armada, em uma evidente reprovação à atuação desses militantes, ao tempo em que coloca o seu ex-partido como uma organização de exclusiva luta democrática, omitindo

completamente os objetivos revolucionários do Partido Comunista. Posição que estava coerente com o contexto de redemocratização e de então possível legalização do PCB.

A luta dos comunistas pela democracia no Brasil dá o tom de grande parte da obra. A atuação antifascista, o combate aos integralistas e ao Estado Novo, e mesmo as críticas às linhas políticas sectárias que o PCB adotou com os manifestos de janeiro de 1948 e agosto de 1950 aparecem com clareza, seguidos de devida autocrítica. Nesses momentos em que o PCB parece oficialmente ter abandonado o jogo democrático, João Falcão não se furta em criticar a linha oficial do partido, porém, sem deixar de cumpri-la. Não é surpresa que o autor enfoque uma tradição democrática do PCB, emanada principalmente da Bahia.

Certamente que, durante a realização das entrevistas com seus velhos companheiros, João Falcão se familiarizou com os debates internos e externos que o PCB estava envolvido, bem como da condição do partido no cenário político nacional. Sobre a escrita do passado para fortalecer a luta no presente, Pollak afirma: “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLAK, 1989, p. 9). Desse modo, ainda que a obra de Falcão não tenha diretamente o objetivo explícito de defender o partido, isso se dá indiretamente, visto que uma obra de memória, com o peso de um ex-militante como João Falcão, certamente capitalizou algum prestígio para o PCB.

No ano de 1993, Falcão lançou a biografia *Giocondo Dias: a vida de um revolucionário*. Obra que o autor afirma ter sido fruto das pesquisas iniciadas em *O Partido Comunista que eu conheci*, mas que tiveram seus próprios caminhos de pesquisa. O fato central na obra é a defesa das posições de Giocondo Dias (1913-1987), principalmente quando o militante baiano substituiu Luiz Carlos Prestes (1898-1990), no cargo de secretário-geral do partido, em 1980. Falcão faz uma clara defesa de Giocondo Dias (1913-1987) e das posições do PCB frente ao “Novo Sindicalismo”, à ditadura e especialmente ao embate que Giocondo Dias (1913-1987) travou com Luiz Carlos Prestes (1898-1990) naquela década. Nesse campo de forças, João Falcão se colocou na defesa da política do PCB e do seu novo secretário-geral, valorizando sua posição democrática e moderada, apesar de os comunistas terem se colocado ao lado da chapas ditas “pelegas” e de ter sido contrário às greves e à radicalização dos operários do ABC paulista. João Falcão discorda das posições de Luiz Carlos Prestes (1898-1990), ao escrever sobre Giocondo Dias (1913-1987), possivelmente porque o ex-

secretário-geral do PCB se aproximou do “Novo Sindicalismo” e do PT, concorrentes políticos do PCB.

Para uma melhor compreensão dos sentidos dessas memórias, entendemos que a rememoração é, ao mesmo tempo, um momento libertador da lembrança, e “[...] um advento, uma captura do presente”. Assim, não temos dúvidas que os acontecimentos evocados por Falcão o colocavam de volta à arena política, até porque “o tempo próprio da lembrança é o presente” (SARLO, 2007, p. 9-10). Falcão defende o PCB e sua linha política progressista e vigente, e, especialmente, a geração de comunistas onde iniciou sua vida política, frente ao contexto onde o PCB estava dividido politicamente, com a ação dos “Renovadores” que cada vez mais se aproximavam do “Novo Sindicalismo” e do PT, organizações que tinham, inclusive, a simpatia e o apoio de Luiz Carlos Prestes (1898-1990).

O intelectual democrático

Falcão se apresenta na obra *O Partido Comunista que eu conheci* como um intelectual numa dupla temporalidade: no passado, militando no Partido Comunista, e no presente, usando seus recursos financeiros e prestígio social para divulgar a suas primeiras experiências no campo das letras ocorridas dentro do movimento comunista.

A obra de João Falcão se apresenta no campo das memórias políticas, mas, na prática, acabou sendo alocada no campo da historiografia, apesar de a noção de história da obra partir da premissa da prática historiográfica como registro de testemunho. Não por acaso, o autor evidencia suas pretensões historiográficas na apresentação, chamando atenção quanto ao volume de entrevistas realizadas e à relevância dos entrevistados, militantes e ex-militantes do PCB, como Luiz Carlos Prestes, Giocondo Dias, Aristeu Nogueira, João Amazonas, Jacob Gorender. João Falcão também elenca uma lista de prestigiados entrevistados não comunistas, onde figuram Josaphat Marinho, Nelson de Souza Sampaio, Wilson Lins, Orlando Moscoso, entre outros. Muitos dos quais permitiram o acesso aos seus acervos pessoais. Assim, a quantidade de documento e de depoentes parece ser a fiadora da “verdade” de *O Partido Comunista que eu conheci*.

O *status* historiográfico que a obra recebeu contribuiu para solidificar os argumentos do autor, especialmente quanto à sua relação com o mundo das letras, lembrado em diversos momentos. Na introdução, João Falcão lembra ter sido um adolescente entusiasmado pela literatura e pela oratória, por influência de seus

professores, quando afirma que a sua mente “iluminou-se através de grandes nomes da literatura portuguesa, brasileira, francesa e de outros povos” (FALCÃO, 2000, p. 18). No capítulo *Ingresso no Partido Comunista*, João Falcão destaca o seu ingresso na Faculdade de Direito e sua participação no movimento estudantil, quando se filia ao PCB e passa à literatura revolucionária, lendo Marx, Lênin, Bukharin, Stálin e Plekhanov, em paralelo às obras jurídicas da faculdade. Em seguida, o autor ressalta sua contínua vivência entre os intelectuais e a criação da revista *Seiva*. Periódico dirigido por João Falcão, responsável por credenciá-lo dentro do partido e entre a *intelligentsia* baiana da época. Não por acaso, o autor transcreveu uma nota elogiosa de Luiz Viana Filho, publicadas no jornal *A Tarde*, em 14 de dezembro de 1938, aos “moços voltados para a causa pública, todos imbuídos de uma grande vontade de servir à coletividade, discutindo temas e teses de doutrina sem eiva partidária” (ibidem, p. 48). Um elogio da pena de Luiz Viana Filho tinha um grande significado, por vir de um escritor jovem e reconhecido, ex-deputado federal e figura de relevo na política baiana, especialmente na oposição ao governo de Getúlio Vargas.

João Falcão segue lembrando sua trajetória no partido, especialmente entre estudantes e intelectuais. Época em que recebeu de Diógenes de Arruda Câmara, secretário do Comitê da Bahia, a tarefa de traduzir dois livros em língua francesa: *La Defense de Stalingrad*, de Alexei Tolstói, e *La Defense Accuse*, de Marcel Willard. Livros que João Falcão fez questão de apresentar nas páginas de seu livro, evidenciando mais uma vez a sua eloquência intelectual (ibidem, p. 60).

Em seguida, o autor apresenta outras leituras que fez de Marx, Lênin, Stálin e Plekhanov, além do trabalho como editor de *Seiva*. Com a eminência de ser preso, João Falcão foge para a Argentina, onde estabeleceu contatos com o mundo intelectual de lá, realizando palestras e contatos entre estudantes e professores (ibidem, p. 153). À frente, o autor relembra sua atuação na fundação do jornal do PCB baiano, *O Momento*, e quando foi responsável por receber Pablo Neruda na Bahia, ao lado de toda a *intelligentsia* baiana (ibidem, p. 255).

João Falcão relembra com tristeza o seu afastamento da direção do Comitê Regional da Bahia, em 1946, por conta de sua origem burguesa e do crescimento do *obrerismo* no partido,³ seguindo para o Rio de Janeiro. Na capital federal, no ano seguinte, João Falcão recebe a missão de reorganizar o jornal *Tribuna Popular*, onde se destaca pelo dinamismo e capacidade administrativa (ibidem, p. 295).

³ *Obreirismo* é uma ideologia que difunde no partido a ideia de que os dirigentes do PCB devem ser os operários. Militantes de origem burguesa são vistos com desconfiança.

João Falcão segue com uma narrativa detalhada acerca da sua atuação dentro do PCB e finaliza com a decepção sofrida com a denúncia dos crimes de Stálin, com a divulgação do Relatório Secreto de Nikita Kruschov, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. Desilusão e vazio que, segundo o autor, foram superados com a dedicação à criação de sua nova “trincheira”: o *Jornal da Bahia*. Momento onde finalmente João Falcão realiza sua definitiva transição do mundo comunista ao mundo intelectual do jornalismo, onde permanece até a década de 1980, quando passa a dedicar-se à escrita de livros de memória e biografias, estreando com *O Partido Comunista que eu conheci*.

Podemos dizer que João Falcão obteve amplo sucesso, ampliando seu reconhecimento intelectual, com o seu primeiro livro. Nos dias atuais, a obra ainda é reconhecida como historiográfica por grande parte dos pesquisadores, e talvez esse fosse um dos seus maiores anseios: ser aceito na comunidade intelectual baiana como um historiador, a exemplo de intelectuais baianos que ele afirmava admirar já na década de 1930. Falcão afirma que perdia aulas para ouvir os “jovens deputados” na década de 1930, como Nestor Duarte, Pinto de Aguiar, Antônio Balbino, entre outros. Nomes que no contexto de publicação do livro ainda evocavam prestígio político e intelectual.

Tudo indica que o reconhecimento pela comunidade intelectual baiana figurava como um dos objetivos do feirense. A receptividade do seu primeiro livro, desde o concorrido lançamento, passando pelos comentários elogiosos de figuras públicas como Luiz Viana Filho, Juracy Magalhães, Paulo Francis e até do brasilianista John Foster Dulles – que foram publicados na contracapa da segunda edição, publicada em 1999 –, demonstram que João Falcão obteve uma boa receptividade entre a intelectualidade brasileira. Destes comentaristas, somente Juracy Magalhães e Paulo Francis fizeram algumas críticas ao trabalho de João Falcão. O ex-governador da Bahia Juracy Magalhães elogia a iniciativa e a lealdade de João Falcão ao PCB, mas ressalta ter sempre discordado das posições do autor. Já Paulo Francis, então renomado jornalista da *Folha de São Paulo* e do *New York Times*, admitiu estar fascinado com a leitura, apesar da tendência de virar “discurso” (idem).

Certamente que esse reconhecimento influenciou Falcão a prosseguir com a sua produção. Antes de seu primeiro livro, Falcão era um conhecido jornalista e empresário do ramo imobiliário. Após a publicação de *O Partido Comunista que eu conheci*, João Falcão passou a ser conhecido também como memorialista e historiador, dedicando-se exclusivamente ao mundo das letras.

Com a extinção do PCB, em 1992, João Falcão passou a abordar outros temas, flutuando entre a história, a memória e a biografia, publicando outros seis livros em 25 anos: *Giocondo Dias: a vida de um revolucionário*, em 1993, obra ainda marcada pela crise terminal do PCB; *A vida de João Marinho Falcão*, também em 1993; *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*, publicado em 1999; *Não deixe esta chama se apagar: História do Jornal da Bahia*, publicado em 2006; e *A História da Revista Seiva e Valeu a pena – Desafios de minha vida*, ambas em 2009, ano em que Falcão passou a integrar a Academia de Letras da Bahia.⁴

Apesar de entendermos que a Academia de Letras da Bahia não era o único espaço de reconhecimento intelectual, a instituição figura como uma das mais importantes no Estado. Fundada em 1917 e geralmente formada por membros da alta intelectualidade, certamente que a busca de Falcão por uma consolidação intelectual passava pelo reconhecimento da Academia de Letras da Bahia.

Talvez esse tenha sido um dos grandes objetivos de Falcão, após deixar o *Jornal da Bahia*, em 1984: trabalhar numa produção literária que pavimentaria seu caminho para o seu reconhecimento como um intelectual de primeira grandeza nas letras da Bahia. Não foi por acaso que Jorge Amado esteve presente com textos nas obras de Falcão e a maioria de seus livros foi lançada na própria ALB, com participação de figuras destacadas da intelectualidade e da política baiana.

Considerações finais

Após a análise da obra *Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*, concluímos que João Falcão tinha um sincero interesse em tornar pública sua experiência no PCB. Nesse processo, ele não escondeu sua simpatia pelo seu velho partido e as suas posições frente aos acontecimentos político em curso naquela década.

Durante o processo da escrita, João Falcão ressalta sua formação e atuação intelectual, provavelmente movido pelo objetivo de ampliar o seu reconhecimento no campo intelectual baiano. Como lembrar é um ato coletivo, a situação dele nos anos de 1980 era de um experiente jornalista, reconhecido por sua pena e por sua luta contra a ditadura militar e pela democracia brasileira. E são exatamente estes aspectos – a

⁴ *Posse de João Falcão*. Disponível em: <<https://academiadeletrasdabahia.wordpress.com/2010/09/10/posse-de-joao-falcao/>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

combatividade intelectual e a índole democrática – que são ressaltados em seu passado de militante comunista.

Além disso, o livro vai além das “memórias políticas”. Ele se apresenta no campo da história com um discurso coeso, fundamentado no testemunho e em fontes orais e escritas, ocupando um lugar importante da história política na historiografia brasileira e, por isso, foi fundamental para que João Falcão estabelecesse os parâmetros de suas produções futuras e acabasse reconhecido como um dos mais importantes intelectuais de sua época.

Referências bibliográficas

FALCÃO, João. *Giocondo Dias: a vida de um revolucionário*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

_____. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. 2. ed. Salvador, Contexto e Arte, 2000.

_____. *Valeu a pena: desafios da minha vida*. Salvador: Ponto e Vírgula, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fundação Roberto Marinho, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: o combate por um partido revolucionário (1958-1990)*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo; Belo Horizonte: Companhia das Letras; Ed. UFMG, 2007.